

XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-ALAS
BRASIL. 04 a 07 de setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI.

Grupo de Trabalho 19 - "Juventudes, territorialidades e identidades."

"LUTAS SOCIAIS NO LAGAMAR: DEMARCANDO DIFERENÇAS E
CONSTITUINDO IDENTIDADES JUVENIS."

Juliana Nogueira Avelar
Universidade Federal do Ceará
jnavelar@gmail.com

Introdução

O Lagamar¹ está situado na capital cearense, tendo seu povoamento resultou de ocupações intensificadas por volta da década de 1960 nas margens do riacho Tauape. Compreende área localizada na interseção dos bairros São João do Tauape, Alto da Balança e Aerolândia e não é reconhecido oficialmente como bairro. Situado em região central no mapa da cidade, teve seu crescimento acompanhado pela ampliação da malha viária de Fortaleza. Ruas, avenidas e uma rodovia foram ao longo das últimas décadas comprimindo essa população em uma área com vias de intenso tráfego por todos os lados.

Situado na vizinhança de bairros de classe média e classe média alta o Lagamar representa o “inconveniente” de ser obstáculo de risco para os que precisam atravessar a cidade nos sentidos leste-oeste e norte-sul. Por se tratar de uma região de intenso fluxo, muitos motoristas desafiam o medo e adentram as ruas estreitas nos horários de pico para fugir dos congestionamentos. A recorrência de assaltos nas imediações do Lagamar é tão permanente quanto a presença da polícia no local.

A compreensão da lógica do espaço² não é fácil nem para a polícia, nem mesmo para visitantes usuais, como eu. Algumas vezes andando por entre os becos acompanhada por moradores cheguei a perder o referencial, ficando por alguns momentos na dúvida da direção que tínhamos tomado. Os espaços externos às casas são utilizados como extensões do espaço doméstico. Os becos estreitos, com estampas multicoloridas de roupas estendidas de um lado ao outro, ocupados com cadeiras, mesas, pequenos comércios e pessoas em suas atividades e ócios são imagens do lugar comum. São senhores, senhoras, jovens e crianças que dividem esses espaços entre afazeres domésticos, brincadeiras, bebidas e, as vezes, venda

¹ Meu contato com o Lagamar se iniciou em 2005 quando estagiei em um projeto da Fundação da Criança e da Família Cidadã – FUNCI, Fundação da Prefeitura de Fortaleza. Ao final do estágio participei de outros projetos vinculados à FUNCI e instituições locais. Minha primeira experiência como pesquisadora no Lagamar resultou na monografia de graduação intitulada *Juventude e a territorialização dos espaços na comunidade do Lagamar* (Universidade Estadual do Ceará, 2007), onde estudei os ciclos de mortes e ameaças entre jovens do Lagamar. No ano de 2011 retornei ao Lagamar para a pesquisa da dissertação do Mestrado em Sociologia, ainda em andamento. Este presente trabalho foi elaborado partir de resultados desta pesquisa iniciada em 2011.

² Para Tereza Caldeira, espaço urbano está organizado a partir da lógica da “Cidade de Muros”, de forma que não haja contato próximo entre pessoas de classes sociais distintas. Bairros de classe média alta têm sua arquitetura projetada para a passagem de carros, “o pedestre é pobre e suspeito” (CALDEIRA, 2003, p.314). Por outro lado, nos espaços das favelas onde circulam predominantemente pedestres têm-se a mesma sensação de um “enclave privado” (CALDEIRA, 2003, p.315), já que apenas moradores e pessoas conhecidas parecem estar autorizadas a transitar nesses lugares.

e uso de drogas. As árvores à beira do canal oferecem uma boa sombra que é sempre bem disputada durante a tarde.

Além do elemento da violência que caracteriza o lugar, expresso pelo aparato policial presente no local, outro elemento, no entanto, foi identificado, principalmente por meio das práticas de jovens moradores, como característico do lugar: os trabalhos sociais e a tradição de lutas. Nesta pesquisa fui ao encontro das relações construídas no universo de organizações locais, onde a busca de efetivação de direitos ganha forma e voz através da atuação dos jovens.

Perspectiva metodológica

Na tentativa de captar uma dimensão de significados de redes de sociabilidades específicas que compõem a Cidade, transpondo a visão 'macro' que orienta as políticas públicas de ordenamento urbano, a etnografia surge como um *modus operandi* que “permite captar aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro” (MAGNANI, 2002, p.16). Essa atenção às práticas comumente desconsideradas ou banalizadas pelo olhar cotidiano, que tão claramente define a peculiaridade da antropologia, é conceituada por Eric Wolf como uma necessidade de se aprofundar para sair da superfície, sendo o esforço antropológico “aproximações, e não verdades definitivas” (2003, p.349).

Por meio de uma “metamorfose do olhar”, José Jorge de Carvalho propõe sair do lugar comum onde se identifica o pesquisador como sujeito dotado de saber irredutível, como o “sujeito de suposto saber” (CARVALHO, 2001, p.118), trazendo a compreensão de que é *na relação* com os interlocutores que se produz o saber na pesquisa etnográfica.

Há neste trabalho a proposta de recusar o jogo onde o antropólogo se coloca em “vantagem epistemológica” diante do “nativo” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), sendo ele o único apto a explicar, interpretar e atribuir sentidos. Segundo Viveiros de Castro, o primeiro passo para concretizar tal proposta é deixar de lado a idéia de que pesquisador e pesquisado pensam da mesma maneira, pois o que se propicia com o trabalho de campo é o confronto desses pontos de vista, resultando em uma dimensão de “ficção antropológica”, pois se trata de “pôr em ressonância interna dois pontos de vista completamente heterogêneos” (Ibid, p.123), o que nos leva

novamente para a compreensão da relevância das relações construídas com os interlocutores.

Na busca das interpretações, nomeações e classificações operadas nas práticas dos meus interlocutores, procurei alcançar o entendimento das referências simbólicas e das relações de poder que permeiam essas práticas. Como afirma Palmeira (1992, p.30, apud GOLDMAN e PALMEIRA, 1996, p.09) cumpre ao pesquisador “perceber como as estruturas sociais e simbólicas não apenas circunscrevem aquelas ações, mas atravessam diferentes unidades sociais, indivíduos ou não, inculcando-lhes significado”. A partir do registro dos sentidos produzidos na dinâmica desses jovens atuantes em organizações locais no Lagamar, me propus compreender a densidade dessas formas de atuação. Cabe ressaltar o interesse de nesta pesquisa ter como elemento central as questões surgidas em torno do que estes jovens entendem por *atuação “no social”*, e não apenas interpretar suas ações e representações a partir de moldes conceituais pré-fabricados por certo senso comum intelectual como “práticas políticas” e “exercício da cidadania”, utilizados de maneira substantiva, como dados *a priori*.

Portanto, tomando como referência a perspectiva etnográfica na produção de conhecimento proposta por esses autores, serão apresentados e problematizados, nos capítulos que se seguem, as vivências, aprendizados, projetos, estratégias e lutas simbólicas empreendidas por jovens moradores do Lagamar.

Categoria chave: “O social”

Em uma das minhas idas ao Lagamar, em abril de 2011, encontrei um antigo aluno, Francisco das Chagas, mais conhecido como MC Charlata, pelos RAPs que gostava de escrever e cantar. Ele de longe me reconheceu, nos abraçamos e ele falou para a pessoa que estava do lado dele, “essa aqui é a Ju, foi minha professora”, e depois disso achamos graça porque eu tinha acabado de comentar que ele estava diferente, tinha engordado, e estava aparentando ser mais velho que eu. Perguntei o que ele estava fazendo da vida e ele falou que estava “por ali” na CUFA (Central única das Favelas do Lagamar). Mostrou um vídeo feito por eles com imagens do Lagamar e com uma música dele. Ele me perguntou o que eu estava fazendo, se ainda dava aulas “nos projetos”. Eu disse que estava estudando e trabalhando como funcionária pública na Universidade. Foi então que ele me perguntou: “mas tu num ta fazendo nada no social?”. E eu respondi que não, que

talvez com a pesquisa do mestrado eu me aproximaria novamente “do social”. E ele então disse, “ah, que pena, era tão bom aquele tempo, né?”. Essa foi uma das primeiras vezes em que “o social” se mostrou como elemento definidor de um trabalho voltado para o coletivo nas organizações locais.

Em outros momentos esse entendimento se mostrou mais evidente por se apresentar como contraponto do “burocrático”, como no caso do Manuel, da Associação Comunitária do Lagamar, que depois de ter se desligado do Projovem Adolescente³, ficou desempregado e comentou que se não conseguisse um emprego na “área social” logo ia ser o jeito “virar burocrata”. Em outros momentos ele comentou sobre um conhecido dele que por muitos anos trabalhou em uma ONG voltada para “o social” e agora “virou burocrata e só quer saber de ganhar dinheiro”. O trabalho “burocrata” é reconhecido como aquele que serve unicamente como fonte de renda, em contraposição ao “social” que propicia outros retornos, como podemos ver na fala do Manuel a seguir:

O meu irmão há dois dias me disse isso, que eu estou há 11 anos no social e nem um carro eu tenho. Tu acredita que ele disse isso? Se eu tivesse trabalhando com ele na empresa que ele gerencia eu já tinha um carro. E eu disse pra ele que o carro ia ser como foi com ele, roubaram o carro dele e nada aconteceu, e o bem social que eu faço aos outros não tem ninguém que roube, porque eu dou pra eles algo que vai morrer com eles, que é o conhecimento, o discernimento, o amadurecimento.

Na sua fala Manuel se refere aos “bens sociais” que o trabalho dele como educador propicia, “o conhecimento, o discernimento, o amadurecimento”. Narcélio, da CUFA, durante uma entrevista, quando falávamos dos projetos de qualificação profissional, ele comentou do interesse que muitos jovens tem somente na “bolsa” oferecida pelos projetos, e disse “ele não se liga que ele vai ganhar um conhecimento e o lucro que ele quer ganhar agora, ele vai ganhar depois”. Mais uma vez o reconhecimento do “ganho de conhecimento” se enfatiza. O comprometimento com o próprio trabalho e a crença dos resultados que esse trabalho pode trazer surgem lado a lado à menor importância dada ao retorno financeiro.

³ Projeto da Prefeitura de Fortaleza, voltado para jovens de 14 a 16 anos, que trabalha temáticas como Direitos Humanos, Sexualidade

A gente vive no meio social, e ai a gente vai, a gente sobrevive de projetos, quando cai, se não, a gente vai fazendo a coisa pelo amor, né porque a gente nunca quis fazer o negocio pra ganhar dinheiro, agente sempre fez pelo coração né, fez porque quer ajudar, porque acredita. (Narcélio, 29 anos)

O trabalho do “meio social” surge como expressão de uma instabilidade financeira, a mercê dos “projetos”, e sustentado por uma motivação de cunho emocional, movido “pelo amor”, pela vontade de “ajudar”. Mas essa instabilidade financeira de quem se dedica ao “social” além de ser reconhecida como um obstáculo é também criticada. O Del, da CUFA, comentou algumas vezes que é preciso encontrar formas de garantir a remuneração dos jovens que trabalham lá e, ele mesmo aprimorou a crítica dizendo “a gente fala tanto de direitos, mas num consegue assinar a carteira de um menino desse pra ele poder ficar aqui”.

É, portanto, com essa breve reflexão sobre o que será compreendido aqui como “trabalho social”, que seguiremos em frente. Ao longo deste trabalho iremos conhecer melhor o envolvimento desses jovens com o “trabalho social”, ou simplesmente com “o social”, como muitos gostam de dizer, a fim de compreender melhor as estratégias e as críticas construídas por eles sobre os limites e os resultados dessa atuação.

Os espaços de atuação

Ao longo do trabalho de campo privilegiei como interlocutores jovens ligados a três organizações locais: a Associação Comunitária do Lagamar (ACL), a Central Única das Favelas do Lagamar (CUFA Lagamar) e o Fórum da Zona Especial de Interesse Social do Lagamar (ZEIS Lagamar). A ligação a que me refiro abrange uma infinidade vínculos, que vão desde a relação profissional com a instituição/organização, até participantes, colaboradores, militantes, voluntários ou mesmo aqueles com contatos ocasionais, que não se distanciam completamente das atividades. Há os que procuram nesses espaços de atuação de jovens, ajuda para solucionar problemas pessoais; há também, para além da busca de efetivação de direitos, os que vêm nesses espaços um local de vínculos afetivos, lugar de encontrar amigos, de conversar sobre a vida, ter um momento de lazer.

As três organizações que elegi como centro da pesquisa, são hoje focos de intensas mobilizações e processos criativos de jovens no Lagamar, e se caracterizam por serem atividades recentes, iniciadas (ou reativadas no caso da

ACL) nos últimos três anos. Ao observar as lutas protagonizadas por esses jovens a partir do contexto complexo de relações, foi possível perceber que apesar de novas, essas organizações do presente trazem consigo práticas de atuação e aprendizados diretamente relacionados às experiências anteriores dos jovens neles inseridos. Assumir a luta da ZEIS, o nome da CUFA ou as atividades da ACL significa para esses jovens, ao mesmo tempo, renovação e continuidade.

A Associação Comunitária do Lagamar foi criada na década de 1980. Depois de pouco mais de dois anos sem atividades, foi reaberta no início de 2011 por iniciativa de jovens participantes do *Grupo de Juventude Atitude*, antes desenvolvido em espaços cedidos pelo Centro de Desenvolvimento Infantil – CDI⁴. O *Atitude*, como chamam os jovens, iniciou suas atividades em 2008. Foi um projeto idealizado e encabeçado por Manuel Edivânio, na época com 25 anos, professor de reforço do CDI. Ele reunia durante os sábados seus alunos e outros jovens mobilizados nas escolas e na vizinhança e realizava debates e atividades recreativas em torno de temáticas “de interesse da juventude” – como sexualidade, direitos da criança e do adolescente, cidadania, esporte, formação profissional, entre outras. As limitações impostas pelo espaço institucional do CDI às atividades do *Atitude* motivaram Manuel a articular uma parceria com a presidente da ACL, Dona Concebida, conhecida como Dona Bida. A associação estava fechada, sem nenhuma atividade. Ocasionalmente seu espaço era cedido para realização de velórios e festas particulares. A reativação da associação era uma opção interessante para os dois lados. Os jovens poderiam ter mais liberdade na realização de suas atividades, sem precisar se submeter aos horários e regras de uso dos espaços e trajes permitidos no CDI – comentavam que não era permitido usar boné, brinco ou saia, e os meninos também não podiam entrar usando brinco. Após selada a parceria em março de 2010 a ACL passou a ter à frente de suas atividades os jovens do *Atitude*. Logo nos primeiros meses eles “deram vida” à associação, se mobilizaram para comprar material, reformar o que era possível e iniciar as atividades. Pintaram paredes, consertaram problemas na rede elétrica e mudaram telhas. “Isso aqui num era jogo de luz não, eram os buracos no telhado”, Manuel apontando para foto de uma das salas da associação antes deles consertarem os buracos do telhado.

⁴ O Centro de Desenvolvimento Infantil--CDI é uma organização financiada pelo Fundo Cristão para Crianças – CCF e tem como atividades aulas de reforço escolar e atividades recreativas para crianças e adolescentes do Lagamar; também intermedia o “apadrinhamento” de cerca de 100 crianças e adolescentes que recebem mensalmente auxílio financeiro.

Através de contatos pessoais conseguiram doação de cadeiras, mesas e material de escritório. Enfeitaram as paredes com cartazes de campanhas (sobre direitos humanos, sexualidade e etc.) e expressões que remetiam a direitos, sonhos, afetos e boas maneiras. Painéis de com fotos dos jovens “com a mão na massa” reerguendo a associação foram colocadas nas paredes. Depois de organizado o espaço, começaram a desenvolver formações profissionais (Curso de Recepcionista, Curso de Hardware, Curso de Auxiliar Administrativo), atividades culturais (aulas de dança e de capoeira), aulas de reforço escolar, palestras e debates, além de organizar gincanas, passeios e festas com os jovens. Para colocar a ACL em funcionamento os jovens se mobilizaram em gincanas (em uma delas os jovens divididos em grupos recolheram latinhas para vender para reciclagem), bingos, rifas, fizeram um bazar de roupas e acessórios doados, além de conseguirem pequenas doações de comerciantes locais (como tinta para parede)

O Fórum da Zona Especial de Interesse Social – ZEIS do Lagamar teve suas atividades iniciadas no ano de 2010, e foi constituído pela necessidade de debater com a comunidade as questões relativas à ZEIS do Lagamar. Lagamar foi incluído como ZEIS através de uma lei municipal promulgada no início do ano de 2010, posteriormente à delimitação das áreas de ZEIS na lei do Plano Diretor de Fortaleza, promulgada em 2009⁵. A inclusão do Lagamar como ZEIS se deu como resultado de intensas mobilizações dos moradores – entre as quais a Marcha da ZEIS do Lagamar, que mobilizou cerca de 500 pessoas em uma caminhada do Lagamar até a Câmara dos Vereadores de Fortaleza – e negociações com vereadores e gestores municipais. Além das antigas lideranças, um grande número de jovens participou do processo de consolidação da ZEIS do Lagamar, alguns deles têm se tornado referência para a comunidade em se tratando da temática da ZEIS, ganhado destaque nos debates do Fórum da ZEIS e no funcionamento do Conselho da ZEIS. A Fundação Marcos de Bruin – FMB⁶, instituição criada na década de 90 por iniciativa de apoiadores estrangeiros e de moradores, que desenvolve ações ligadas a cultura, trabalho e renda na comunidade, é a organização que constitui a base de apoio técnico, físico, financeiro e político para a operacionalização e logística das

⁵ Lei complementar Nº 0076 de 18 de março de 2010, instituiu a Zona Especial de Interesse Social - ZEIS - do Lagamar. Anteriormente a lei do Plano Diretor Participativo de Fortaleza, já havia delimitados as regiões de ZEIS da cidade no ano de 2009. Somente o Lagamar foi incluído posteriormente.

⁶ A Fundação Marcos de Bruin – FMB é uma Organização Não Governamental fundada em 1992 por iniciativa de um grupo de alemães, entre os quais os pais do jovem que deu o nome à instituição, e lideranças da comunidade, ligadas à Comunidade Eclesial de Base – CEB do Lagamar, da Igreja Católica.

atividades da ZEIS do Lagamar. Além da luta pela urbanização ser bandeira antiga de dirigentes, integrantes e colaboradores da FMB⁷, a instituição possui uma forte vinculação com o PT, partido da prefeita de Fortaleza e do ex-presidente (à época da aprovação do Plano Diretor) e atual presidente da Câmara dos Vereadores de Fortaleza. A ligação de ex-diretores, técnicos e funcionários da FMB com o PT certamente constituiu importante canal de negociação no período das mobilizações dos moradores para inclusão do Lagamar como ZEIS no Plano Diretor de Fortaleza.

Por fim, temos a Central Única das Favelas do Lagamar – CUFA Lagamar, sede local de uma instituição de abrangência nacional e internacional, que desenvolve um trabalho cultural e profissionalizante voltado principalmente para jovens moradores de áreas pobres e favelas no Brasil, tendo como forte referência o trabalho com a música, principalmente o Rap⁸. Além do Rap, outros elementos da cultura Hip Hop possuem forte referência no trabalho da CUFA. No site oficial da CUFA Nacional⁹ ela é definida como “uma organização sólida, reconhecida nacionalmente pelas esferas políticas, sociais, esportivas e culturais”, tendo sido criada por jovens “que buscavam espaços para expressar suas atitudes, questionamentos ou simplesmente sua vontade de viver”. Hoje a CUFA Lagamar tem como principal atividade a inclusão digital. Outros cursos como os de eletricista predial, de inglês e espanhol também foram oferecidos para jovens da comunidade. A CUFA Lagamar funciona, desde 2010 quando iniciou suas atividades, no prédio do Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Lagamar – CDDHL, que estava desativado há alguns anos. Na fachada do prédio tem a identificação das duas instituições, CUFA e CDDHL. Outra organização local que atuou durante muitos anos no Lagamar, desde a década de 90, tem relação direta com a CUFA Lagamar: o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua – MNMMR / Comissão

⁷ A pressão política e a expectativa para a consolidação de um projeto de urbanização da área do Lagamar por parte da FMB não é recente. No primeiro mandato da prefeita Luizianne Lins (2005-2008), de 2007 a 2008, a FMB participou como instituição contratada para gerenciamento da área social no Projeto de Urbanização da Comunidade Maravilha, vizinha ao Lagamar. Esse projeto de urbanização envolvia a Caixa Econômica, o Ministério das Cidades e a Prefeitura de Fortaleza através da Habitafor. Na época eu, recém formada, depois de participar de uma seleção, fui contratada para compor a equipe técnica do trabalho na Maravilha, composta de dois cientistas sociais, duas assistentes sociais e uma economista mestre em meio-ambiente. O trabalho na Maravilha era abertamente reconhecido pelos dirigentes da FMB como uma “experiência” e um “aprendizado” que seria útil futuramente quando o Lagamar fosse passar por um processo de urbanização. O projeto de urbanização da Maravilha teve continuidade (com obras em andamento até esse ano de 2012), mas a participação da FMB foi encerrada em 2008 por problemas contratuais que impossibilitariam sua continuidade.

⁸ O rapper MV Bill foi um de seus fundadores, além disso a CUFA organiza festivais de Rap de repercussão internacional

⁹ www.cufa.org.br

Periferia. O “Movimento”, como é chamado o MNMMR, já teve sede própria no Lagamar. Os educadores, coordenadores, voluntários que hoje compõem o quadro da CUFA eram do *Movimento*. Além das dificuldades de Continuar usando o nome do MNMMR, por questões formais de registro e CNPJ, a idéia de passar a fazer parte da CUFA com uma sede no Lagamar foi assumida como estratégia. Narcélio, um dos educadores da CUFA, que também foi do Movimento, afirmou: “hoje, estrategicamente, a gente tá com a CUFA, até mesmo por uma questão de visibilidade, a CUFA ela abriu muitas portas na mídia”.

Desta forma, é possível perceber que as três organizações às quais estão vinculados os interlocutores desta pesquisa, apesar de serem recentes, possuem um background de organizações e lutas anteriores que constituem importantes referências para as estratégias de atuação e a formulação de Projetos que elas propõem no momento atual. Por trás de cada um desses universos de atuação existem trajetórias (BOURDIEU, 2003)¹⁰ próprias empreendidas por esses jovens na vivência como morador do Lagamar.

Portanto, para compreender suas lutas em torno da efetivação e reivindicação de direitos, no campo “do social”, precisamos compreender também as concepções que as fundamentam e as disputas que as constituem.

Juventudes

Como pesquisas anteriores já demonstraram, no universo urbano se revela uma diversidade de estilos e gostos. Por diversas vias os jovens marcam seus territórios e imprimem suas marcas na cidade, como acontece, por exemplo, na estética do corpo das gangues e galeras ou na difusão de ideologias e modos de vida característicos de movimentos como o Hip Hop (DIÓGENES, 1998; FREITAS, 2003; MAGNANI, 2005). Encontramos nos jovens uma expressão fiel da pluralidade que movimenta o universo urbano, retrato da sociedade contemporânea, notadamente urbana e globalizada. Como bem afirma Irllys Barreira sobre a categoria *juventude*, “é possível dizer que os sentidos de uma “cultura emergente”,

¹⁰ A noção de trajetória será tratada neste trabalho a partir da perspectiva de Bourdieu, o qual se opõe à construção linear, coerente e ordenada da noção de “história de vida”, que por sua vez é considerada pelo autor como “criação artificial de sentido” (2003, p.185). Para ele não é possível compreender uma trajetória “sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis” (2003, p.190).

expressivos de uma sociedade diversificada e plural, têm nessa categoria social um marco importante de referência” (BARREIRA, 2009, p.11).

Dessa forma, ao nos aproximarmos da juventude do Lagamar trazemos a tona um universo de atuação que em certa medida expressa esse universo urbano, e ao mesmo tempo colocam em questão o papel do jovem nesse cenário. Adentrando nesse emaranhado de relações onde se situa a atuação do jovem no “social”, tendo em vista necessidades da “comunidade”, lançamos o desafio de compreender de que formas se constituem identidades, se demarcam diferenças e se constroem os discursos sobre si, sobre a realidade local e sobre a Cidade.

Ao jovem é atribuída a imagem do indivíduo que possui uma indefinição do seu papel social. Como afirma José Machado Pais (2009, p.373), não há em nossa sociedade um rito de passagem que demarque precisamente a passagem do jovem para a vida adulta, por isso haveria uma fluidez e uma descontinuidade nas fronteiras entre as fases da vida. Segundo o autor:

Um dos traços que mais caracteriza a actual condição juvenil é a situação de impasse vivida por muitos jovens em relação ao seu futuro. Eles até poderão galgar as fronteiras que, supostamente, permitem a passagem simbólica da juventude para a idade adulta; contudo – porque a precariedade pauta as suas trajetórias de vida – muitos deles não conseguem reunir condições de independência econômica estável. (Ibid, p. 374)

As situações de impasse que impedem os jovens de ascender à vida adulta, assim como as fronteiras simbólicas entre essas fases da vida, devem, no entanto, ser percebidas de forma a impedir a naturalização do que reconhecemos como jovem e adulto.

A realidade dinâmica e diversa não nos possibilita perspectiva estática, pré-definida, arbitrária das divisões geracionais por idades. Como bem afirma Bourdieu (2003) ao ser questionado sobre uma definição de juventude, as divisões de gerações entre idades são arbitrárias, assim como tantos outros atos de nomeação e de classificação. Para o autor ao se produzir uma ordem onde cada geração assume seus papéis determinados, estamos diante de uma questão de poder. Portanto os recortes arbitrários das gerações nada mais seriam do que um resultado complexo de manipulações fundadas em relações de poder. Sobre isso Bourdieu afirma que:

a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação. (2003-A, p.153)

Partindo dessa perspectiva, não devemos, portanto, falar de juventude, mas sim de *juventudes*, já que jovens de realidades diversas certamente terão condições de existência também diversas, desde as relações familiares, políticas até as condições econômicas. Por isso, sobre a conceituação de *juventude*, no singular, Bourdieu afirma que “é por um formidável abuso de linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito a universos sociais que praticamente não possuem nada de comum” (2003-A, p.153).

Portanto, para identificarmos quem é esse jovem atuante, devemos antes compreender os significados de juventude e de atuação entre os jovens moradores do Lagamar. As identidades afirmadas nos percursos de atuação desses jovens devem ser percebidas de maneira situada.

Sobre “ser” jovem

Como afirma Kathryn Woodward, “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (2009, p.08). Além disso, Woodward afirma que a própria noção de identidade é “relacional”, pois para existir depende sempre “de algo fora dela”, tal qual na concepção de juventude que encontramos em campo, no universo juvenil do Lagamar, como podemos observar na fala abaixo:

Eu acho que assim, ser jovem tá mais também, claro, numa transição, da infância pra fase adulta, né. Então ser jovem é aproveitar um pouco de cada, um pouco da infância que lhe resta e já pegando as responsabilidades, e tentando viver o mundo dos adultos, né. (...) Se aqui é um grupo predominantemente de jovens, os adultos entram na maior; as crianças entram na maior. Porque é uma linguagem única, uma linguagem que todo mundo entende. (...) Um grupo predominantemente jovem chama todas as idades, chama todas as classes sociais e opções sexuais que sejam pra se estar em um lugar onde a linguagem é a mesma, que todo mundo se entende. (Renan, 20 anos)

Ao descrever o dilema da indefinição apontado por Machado Pais (2009), assim como a peculiaridade do lugar do jovem na sociedade, Renan nos aponta uma perspectiva positiva, agregadora a ser utilizada pelo jovem para ampliar seus

espaços de atuação e assim ocupar um espaço de reconhecimento. Por outro lado identidade de “jovem” surge na fala de Renan, em referência ao não jovem, ao adulto, à criança, àquilo que o jovem não é. Ser jovem é ser uma “não-criança”, um “não-adulto”, por isso se faz pertinente a afirmação de que “a identidade é marcada pela diferença” (WOODWARD, 2009, p.09) e neste processo outras várias oposições se mostram possíveis, como veremos ao longo deste trabalho.

Renan é um jovem de família pobre que assim como tantos outros terminou o Ensino Médio e busca qualificação profissional na tentativa de se inserir no mercado de trabalho. Ele mora em uma casa de um quarto, sala e cozinha, com a mãe, três irmãos e uma sobrinha. Na hora de dormir ele divide uma cama que fica na sala e o único quarto da casa é usado pela mãe e a sobrinha. Os irmãos trabalham, um “de carteira assinada” e os outros como vendedores ambulantes no semáforo. O envolvimento dele com a Associação Comunitária do Lagamar aconteceu pela vontade de “fazer algo”: “quando me convidaram eu pensei, nossa aquelas pessoas estão lá tentando fazer algo, fazendo algo, e eu tô em casa fazendo nada. Eu não to trabalhando né, (...) e pensei, porque não tentar?”. Renan em sua fala se refere ao momento em que um grupo de jovens uniu forças e, como eles gostam de dizer, “colocaram a mão na massa” e reabriram a Associação que estava desativada. As fotografias organizadas em painéis logo na entrada da Associação registraram os momentos em que os jovens pintaram paredes, consertaram portas, telhados e rede elétrica e ornamentaram com cartazes, “dando vida ao lugar”, como costumam dizer.

A vontade de “fazer algo” expressada por Renan, surgiu em outros momentos, como podemos ver na fala a seguir, como característica peculiar do que se entende por “juventude”.

Antes eu não tinha espírito de juventude (...) minha vida era focada só em trabalhar e eu acredito que quando você vive só de trabalho você não vive. Eu num via sentido na vida, e eu vim ver o sentido da vida a partir do momento em que eu entrei no grupo e que a minha vida mudou, sabe? Porque eu me senti jovem, me senti útil quando eu passei a tirar um tempo do meu dia, da minha vida pra me dedicar ao outro, e isso me fez ser jovem, por isso que eu tenho um espírito de jovem. (Jaqueline, 29 anos)

Jaqueline atribui à sua entrada no “Grupo” um momento de mudança de vida. O grupo que ela se refere é o Jovens em Busca de Deus (JBD), grupo com sede no Lagamar, ligado à Igreja Católica. Para conceituar juventude e se definir enquanto

jovem Jaqueline demonstra reconhecer na atitude de “se dedicar ao outro” e na sensação de “ser útil” o “espírito de juventude”.

Além de trabalhar na Fundação Marcos de Bruin (FMB), que atua no Lagamar com projetos culturais e profissionalizantes, Jaqueline é também conselheira do Conselho Gestor da ZEIS do Lagamar, e participa do JBD. A jovem comentou em uma de nossas conversas que convive com um problema não raro nas famílias do Lagamar, que é a dependência de drogas, problema que tem mobilizado toda a família em razão do envolvimento de um parente próximo com o que ela definiu como “drogas pesadas”.

Assim como nas reflexões sobre juventude, as relações de identidade permeiam de significados o universo do “social”, delineando um universo de disputas. A partir das relações dos jovens com os espaços de atuação “no social”, algumas questões se tornaram nítidas: o que se apresenta como uma atuação legítima? Que problemáticas cada um desses espaços de atuação apontam como relevantes? Que disputas emergem nesse emaranhado de estratégias de atuação?

ZEIS do Lagamar, ACL E CUFA Lagamar: as lutas e disputas

A convivência com a realidade dos moradores do Lagamar foi aos poucos me revelando que aquele era sim um lugar onde as diferenças, as desigualdades e disputas tinham vez. Isso podia ser percebido à primeira vista pela diversidade de padrões das casas, algumas de paredes pintadas e piso de cerâmica, com mais de um banheiro e outras, no outro extremo, com paredes de madeira, piso de areia e nenhum banheiro.

Além disso, as muitas instituições que atuam com projetos sociais na comunidade me pareciam situadas em cidades diversas, de tão distantes que eram umas das outras. Percebia que as instituições não costumavam divulgar as atividades que aconteciam nas outras e na maioria das vezes nem sabiam das atividades realizadas nos outros espaços.

Essa falta de comunicação e de integração entre as organizações locais era no mínimo intrigante, tendo em vista os esforços que vivenciei por parte de muitos gestores e educadores na construção do “Plano Estratégico do Lagamar – PEL” em 2006. O PEL, encabeçado pela Fundação Marcos de Bruin, com apoio do BNB, foi

uma iniciativa que tentou organizar instituições locais¹¹ “para incitar a comunidade a pensar seus problemas de forma mais organizada, definindo o futuro desejável e possível para a comunidade” (CARTILHA DO PEL, 2006). Outra passagem do texto da publicação do PEL diz: “através da união as dificuldades se amenizam e um sonho distante se torna mais próximo”.

A tentativa da união de forças, do trabalho cooperativo, em rede, explicitado no texto da publicação do PEL e na vontade de muitos dos que participaram das reuniões, rodas de conversa e debates que acompanhei na época do lançamento do Plano Estratégico em 2006, me pareceram completamente distantes não só no tempo, mas nas práticas dos educadores e lideranças jovens quando retornei ao campo em 2011.

O distanciamento entre as instituições pesquisadas se evidenciou desde o início no meu retorno a campo, em todos os momentos em que eu estando em uma delas buscava informações sobre outra. Essa falta de informação, interação ou mesmo interesse pelas atividades que aconteciam em “outros” espaços ao mesmo tempo em que dificultou meu transito em campo me ajudou a definir os rumos da pesquisa. Percebi que não havia disposição ou interesse dos jovens de uma instituição em me colocar em contato com as outras, o que me exigiu um esforço e uma exposição bem maior do que imaginaria em se tratando de um campo de certa forma “familiar”. A minha experiência de campo revelaria mais adiante as razões desta falta de disposição de muitos jovens “do social” em me colocar em contato com outros espaços de atuação de jovens também ligados “ao social”.

Algumas narrativas registradas no diário de campo e nas entrevistas foram aos poucos desenhando um cenário daquilo que os jovens compreendiam como resultados de sucesso no trabalho “social”. Interessante observar que as experiências de sucesso constantemente eram relatadas como elemento gratificante do próprio trabalho e envolvimento. Por outro lado as experiências dos “outros” surgiam frequentemente como não eficazes ou não impactantes. Parecia se desenhar uma disputa em torno das diversas atuações observadas.

A partir da compreensão da valoração feita pelos jovens, do trabalho desenvolvido por eles mesmos e pelos “outros” das outras instituições, foi possível compreender novos sentidos para as críticas aos “outros” formuladas por eles. Por

¹¹ Participaram dessa iniciativa 14 ONG's e 11 OG's.

esta razão, a interpretação de uma informação como “lá não tem nada” ou “eles não tem atividades” deveria ser ampliada. O que em grande parte dos casos acontecia era a existência de atividades sim, mas estas não eram reconhecidas como eficazes, por isso eram desconsideradas como atividades.

O que se operava no momento em que definiam a atividade do outro como “nada” era propriamente a *classificação* da ação do outro como algo inepto. A classificação operada sobre as ações dos “outros” está relacionada àquilo que Bourdieu nomeou de “luta pelo monopólio da representação legítima” (BOURDIEU, 1988; BOURDIEU, 2005). Ao reconhecer o que deve e o que não deve ser considerado como um “trabalho social” os indivíduos estão na verdade empreendendo “atos de classificação” (BOURDIEU, 2005, p.111). São as “lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima” (Ibidem, p.113). Essas “lutas das classificações” produzem seus efeitos no momento em que os indivíduos expressam seus próprios entendimentos. Aqui residiria a resposta para a incoerência observada entre pontos de vistas diferentes, que classificam uma mesma atividade com um fracasso e um sucesso. Alguns exemplos dessas contradições e disputas serão detalhados a seguir.

Os jovens de cada pólo destas disputas, principalmente aqueles que se encontravam à frente das atividades (lideranças e educadores) ao mesmo tempo em que buscavam demonstrar as *virtudes* das atividades que estavam envolvidos, demonstravam também perceber uma *falta de virtude* nas atividades dos outros espaços de atuação, tal qual na relação “estabelecidos e outsiders” analisada por Elias e Scotson (2000) em Winston Parva. Cada um a sua maneira procurava justificar suas práticas com aquilo que Elias nomeou de “fofoca elogiosa” (p.20, 2000), contando experiências pessoais e casos de jovens que melhoraram de vida com a ajuda e o impulso das atividades, como podemos ver nos depoimentos abaixo:

Tinha um cara que era “envolvido com a parada” né, [...] e ele chegou: “ei tou precisando tirar meu documento assim, assim, e assim”, marque o dia aí meu chapa que a gente vai. “É, vamos amanhã?”. Eu: “vamo”. Aí no decorrer do caminho eu fui conversando com o cara, eu fui pegando amizade com o cara e fui conscientizando a pessoa, hoje o cara ele tá trabalhando na Casa Pio, saiu da parada né, começou a trabalhar na Casa Pio, hoje o cara

tá bem de vida, não tá usando nada, já é pai. É isso assim, é gratificação que eu vejo. (Rosinaldo/CUFA Lagamar)

Hoje a gente tem um trabalho com psicólogo e ele fala muito pra gente que a gente atua a prática da psicologia comunitária que eles estudam (...) eles não conseguem atingir o que a gente atinge. A gente faz as coisas mesmo sem saber que a gente tá atuando na psicologia comunitária. Então assim, quando a gente foi na UFC, no Fórum lá de Psicologia, pra nós foi até estranho porque as palavras que eles falavam que estudavam era o que a gente exercia, e a gente nem sabia de nada disso. (Jaqueline/ZEIS/FMB)

Quem escolheu o Atitude¹², assim, vamos dizer assim quem escolheu o Atitude para seguir os passos, quem ensinou os ensinamentos dele, pra realmente florescer nossa mente, foi quem escolheu o caminho certo, quem não quis, tem gente que já participou, já saiu, foi pro caminho da marginalidade, ou está nas drogas, ou tá preso (Adriano, 20 anos/ACL).

Em cada um desses espaços os jovens à sua maneira utilizavam a “fofoca elogiosa” para descrever suas experiências, como forma de demonstrar a importância daqueles espaços para a vida deles e da coletividade. Ao mesmo tempo em que se percebia a noção valorativa atribuída às atividades e instituições das quais participavam, foi possível perceber também que em alguns momentos as atividades “dos outros” eram desqualificadas em seus discursos.

Eles aí só querem discutir ZEIS, e a gente sabe que essa ZEIS num vai dar em nada, quando a prefeitura quiser fazer alguma coisa ela vai fazer e tem muita gente que quer é sair mesmo daqui. Aí a gente chama eles pra discutir estratégias pra violência e a criminalidade e eles dizem que é muito complicado discutir essas coisas. (Del/CUFA)

Em conversa informal Del, ao se referir aos conselheiros da ZEIS e à FMB, demonstra o entendimento de que o trabalho que esses indivíduos fazem e as lutas que empreendem não são capazes de produzir resultados, já que “quando a prefeitura quiser fazer alguma coisa ela vai fazer”, nesse momento se referindo às remoções de casas propostas nas obras da Prefeitura de Fortaleza e do Governo do Estado. Para ele o foco das lutas deve ser o combate à criminalidade e à violência, o que, no entanto, segundo ele, é considerado “muito complicado” de discutir por parte daqueles que estão à frente das discussões da ZEIS. Na fala a seguir, de um conselheiro da ZEIS, há uma explícita reflexão sobre a “força” que cada uma das instituições representa: Aqui no Lagamar a instituição que tem força mesmo é a Fundação Marcos de Bruin-FMB, porque se a gente for prestar atenção a

¹² “Atitude” é o nome do grupo de Jovens que reativou as atividades da ACL.

Associação Comunitária, por exemplo, é nada, só tem nós mesmos. (Raimundo/ZEIS)

Raimundo se referia no momento à força para mobilizar os moradores e para discutir estratégias com a Prefeitura em relação à obra do viaduto da Avenida Raul Barbosa. Para ele somente a Fundação estaria preparada para essa mobilização. Essa compreensão sobre a “força” da FMB em relação aos embates da ZEIS acontece por ser ela uma instituição que durante sua história tem defendido a proposta de urbanização do Lagamar, o que a levou em 2008 a mobilizar moradores a fim de regulamentar a ZEIS do Lagamar no Plano Diretor de Fortaleza. Ao mesmo tempo em que reverencia a “força” da FMB, se deprecia a força de atuação da Associação Comunitária que leva o nome do lugar, a qual é considerada “nada” do seu ponto de vista. Na fala a seguir a expressão “nada” mais uma vez surgiu como forma de qualificar atuação “outro”: Agora que eu tô desempregado e tô com mais tempo posso ir contigo fazer um tour no Lagamar, a gente pode ir lá do outro lado na CUFA, tu vai ver como lá num tem nada (Manoel/ Associação Comunitária do Lagamar-ACL).

Em razão da minha insistência em visitar a CUFA, Manoel sugeriu nesse dia me acompanhar em uma visita à instituição a fim de deixar claro que não perdi nada em não ter ido antes, já que para ele não há “nada” sendo feito por aquela instituição. Logo após a sugestão dele comentei que tinha tido a oportunidade de visitar a CUFA e soube que eles estavam realizando curso de informática e de eletricista predial, ambos ligados à Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Ceará-STDS, voltados para um público jovem, ele então afirmou que esses cursos “qualquer um consegue”. Nas afirmações permanece uma desqualificação da atuação da outra instituição.

Foram, portanto, inúmeros os momentos em que falas surgiram a fim de desqualificar a atuação do “outro” e qualificar a si mesmo ou uma coletividade de referência. Como afirma Elias (2000, p.121) “a fofoca depreciativa [blame gossip] é inseparável da elogiosa [pride gossip], que costuma restringir-se ao próprio indivíduo ou aos grupos com que ele se identifica”. A afirmação de Elias além de reiterar os elementos elogiosos e depreciativos que observamos anteriormente, nos aponta um importante elemento, a identificação a um grupo.

A idéia de grupo, apesar de levar à compreensão de isolamento desse coletivo, nos possibilita compreender melhor a noção de identidade construída por

cada um desses interlocutores com seus espaços de atuação. Segundo Woodward (2009) a identidade é um elemento relacional, por isso depende de “algo fora dela” para existir e está sempre marcada pela diferença. Para a autora: “A conceituação da identidade envolve o exame dos *sistemas classificatórios* que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas; por exemplo, ela é dividida em ao menos dois grupos em oposição – ‘nós e eles’ ” (2009, p.14)

Para reconhecer-se como um jovem de atuação diferenciada nossos interlocutores precisavam apontar aqueles que para ele não possuíam “diferencial”, “força” ou “ousadia” em suas propostas de atuação. A sua identidade passa a se construir em referência ao “outro” diferente. Ao considerar o próprio mérito ou demérito da outra instituição em promover certas atividades, os indivíduos nos revelam seu entendimento sobre o que considera relevante ou não quando se trata de atividades voltadas para jovens. Nas falas anteriores, onde foi possível identificar a fofoca “elogiosa” sobre si e a “depreciativa” sobre o outro, ao apresentar o entendimento de quais atividades são relevantes, importantes ou cruciais para a realidade social do jovem do Lagamar, cada um desses indivíduos parte de um sistema classificatório, a partir do qual eleger problemáticas e públicos próprios que merecem atenção diferenciada.

Considerações finais

As representações construídas pelos jovens de cada um desses espaços de atuação específicos partem, portanto, de classificações próprias, por isso se torna evidente a “disputa simbólica” em torno dos *Projetos de Juventude* defendidos pelas instituições.

A fim de afirmar quem é esse jovem que irá protagonizar grandes transformações, sejam elas individuais ou para a coletividade, se empreende uma “luta das representações” (BOURDIEU, 2005). Para Bourdieu haveriam constantes “lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima” (Ibidem, p.113). Portanto o que está em jogo no momento em que cada uma das instituições acredita no próprio trabalho e desqualifica os “outros” é uma representação sobre o que ela classifica como uma “atuação legítima”, sobre quem ela identifica como “público jovem”.

Ao transitar no cotidiano das atividades dos jovens integrantes dessas instituições não foi difícil perceber que cada uma delas agregava um público em particular e possuía métodos diferenciados de mobilização. As representações sobre “juventude” e sobre “as necessidades dessa juventude” foram identificadas como influência direta sobre as formas de atuação em cada uma das instituições.

Os jovens integrantes desses espaços de atuação apresentam em seus relatos elementos justificadores fundados na leitura da realidade vivenciada no Lagamar, e esses elementos fundamentam a explicação sobre a diversidade desses espaços de atuação e a falta de sincronia, e até mesmo de parceria, entre as suas ações. Deparamo-nos com um cenário de divisões e apartamentos entre as organizações voltadas para jovens de um mesmo universo, mas que não constroem ações conjuntas, pelo contrário, disputam entre si um merecimento, reconhecimento e capacidade: “o meu é mais importante que o dele”, “o meu mobiliza mais”, “o meu tem um público maior”.

Todos os jovens que compõem essa rede intrincada de atuações múltiplas, nesse circuito de ações em torno “do social” no Lagamar, possuem em comum a vivência com um cotidiano em que os jovens se deparam a todos os dias com ausências a serem superadas. Faltam saúde e educação de qualidade, falta segurança, falta trabalho, falta urbanização e falta moradia digna. Não há discordância sobre a existência dessas ausências. Concluimos, portanto, que o que difere a perspectiva de cada um desses epicentros de atuação de jovens do Lagamar são os argumentos construídos por eles sobre o que urge ser superado, quais as necessidades inadiáveis e o que está no topo da problemática das vidas dos jovens do lugar e do Lagamar como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRA, Irllys. *Tecendo objetos de pesquisa: Notas introdutórias sobre juventude*. In. BARREIRA, Irllys; BARREIRA, César (Orgs.). *A Juventude e suas expressões plurais*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. *A ilusão biográfica*. In: *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de século, 2003.

_____. *A juventude é só uma palavra*. In: *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de século, 2003-A.

- CALDEIRA, Teresa Pires do R.. Cidade de Muros. São Paulo: Edusp, 2003.
- CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 7, n. 15, Julho 2001.
- CARTILHA DO PEL - Plano Estratégico do Lagamar. Fundação Marcos de Brün, Banco do Nordeste do Brasil, 2006.
- DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip-Hop*. São Paulo: Anablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro, Zahar 2000.
- FREITAS, Joelma Maria. Imagens da juventude no espaço urbano: corpos, símbolos e signos da cultura visual. Dissertação/UFC, 2003
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. In. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-29, 2002.
- _____. *Os circuitos dos jovens urbanos*. In: Tempo social, revista de sociologia da USP, v.17, n.2, pp. 173-205, 2005.
- PAIS, José Machado. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saude soc.*, São Paulo, v.18, n.3, 2009.
- PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Márcio (Orgs.). Apresentação In: *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.
- PALMEIRA, Moacir. *Política e tempo: nota exploratória*. In: PEIRANO, Mariza. (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/NuAP, 2001.
- PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. 1997. *Política Ambígua*. In: BIRMAN, P., NOVAES, R. e CRESPO S.(org.) *O Mal à Brasileira*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996. p. 159-183.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana* [online]. 2002, vol.8, n.1, pp. 113-148.
- WOLF, Eric R.. In. BIANCO, B.; RIBEIRO, Gustavo L. (orgs). *Antropologia e poder - contribuições de Eric R. Wolf*. Brasília: Ed. UNB; São Paulo: Ed. Unicamp, 2003.
- WOODWARD, Kathryn, *Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.